

Arquivo Pessoal



Lucelmo critica falta de estrutura nas empresas

Além disso, ele também pontua que o processo de diagnóstico é pouco acessível para muitas pessoas: “Meu processo foi longo, porque fiz uma série de testes e tive de ir para especialistas, como psicólogo e psiquiatra, que me custaram financeiramente; e muitas pessoas não têm condições para arcar com isso”.

O professor Wladimir Rodrigues da Fonseca, coordenador do curso de psicologia do Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos (Uniceplac), acredita que o maior desafio para as pessoas autistas no mercado de trabalho se deve à falta de conhecimento sobre o transtorno. “Esse déficit de conhecimento é o grande responsável pela perpetuação de estigmas e pela dificuldade em desenvolver tecnologias que realmente possam auxiliar no processo de adaptação das pessoas com TEA. Tal falta de compreensão frequentemente impede o reconhecimento do potencial desses indivíduos”, explica.

Nesse contexto, o psicólogo defende a importância da conscientização da sociedade: “Entender o TEA ajuda a construir ambientes mais inclusivos e empáticos, tanto em contextos sociais quanto profissionais. Com mais conhecimento, as pessoas podem se tornar mais compreensivas e apoiadoras das necessidades individuais de quem está no espectro”.

Arquivo Pessoal



Entender para incluir, diz o psicólogo Wladimir

Falta de estrutura

Assim como Alexandre da Rosa, Lucelmo Lacerda, especialista em educação e consultor do Conselho Nacional de Educação (CNE), recebeu o diagnóstico de autismo tardiamente, aos 36 anos. Especialista na área, ele afirma que mesmo não existindo pesquisas suficientes sobre a inclusão desse grupo no mercado de trabalho, é comum conhecer autistas em situação de desemprego.

Ele explica que esse fenômeno ocorre porque empresas não oferecem “condições trabalhistas que criem um ambiente adequado para essas pessoas”. Além disso, a falta de tecnologias assistivas e de adaptação para esses profissionais também é uma grande barreira.

Lucelmo defende que a elaboração de políticas públicas para pessoas com TEA deve considerar dois grupos principais: o competitivo, formado por pessoas com grau de dependência ou necessidade de suporte de leve a moderado, e o não competitivo, para profissionais que apresentam nível severo de dependência. Para esse segundo grupo, ele reforça a urgência de incluí-los por meio de estratégias como “a busca ativa para trabalhos específicos”.

*Estagiária sob a supervisão de Priscila Crispi

O autismo é uma condição caracterizada por variações que se manifestam desde a infância, marcada consistentemente por diferenças nas interações sociais, na fala, na comunicação, em atividades lúdicas e no comportamento. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais Quinta Edição (DSM-5) inclui uma classificação para o TEA com três níveis de suporte necessários. Esses níveis são baseados na quantidade de auxílio que uma pessoa necessita para funcionar de maneira eficaz em vários aspectos da vida, como socialização, comunicação e comportamentos repetitivos ou restritos. As necessidades de suporte podem mudar ao longo do tempo, dependendo de uma variedade de fatores, como desenvolvimento pessoal, mudanças no ambiente e a eficácia das intervenções. Conheça cada um dos níveis:

NÍVEL 1: SUPORTE NECESSÁRIO

Características: pessoas com TEA de nível 1 podem ter dificuldades sociais que se manifestam quando as demandas sociais excedem suas capacidades de lidar com elas. Eles podem ter dificuldade em iniciar interações sociais e podem parecer pouco interessadas ou falhas ao responder socialmente aos outros. Em termos de comportamentos restritos e repetitivos, podem ter dificuldade em mudar de uma atividade para outra.

Necessidade de assistência: indivíduos neste nível geralmente precisam de apoio mínimo, mas contínuo, para engajar-se socialmente e para lidar com a flexibilidade nas rotinas e comportamentos. A psicoterapia, o treinamento de habilidades sociais e as adaptações educacionais são exemplos de assistências que podem ser benéficas.

NÍVEL 2: SUPORTE SUBSTANCIAL

Características: pessoas com TEA de nível 2 apresentam desafios mais notáveis nas interações sociais e têm comportamentos restritivos e repetitivos mais evidentes que podem ser difíceis de redirecionar. Elas podem ter

limitações significativas na comunicação verbal e não verbal, o que afeta as interações sociais.

Necessidade de assistência: indivíduos neste nível requerem suporte substancial e intervenções mais intensivas, que podem incluir psicoterapias mais frequentes, suporte educacional especializado e, possivelmente, terapias voltadas ao desenvolvimento de habilidades de comunicação e interação.

NÍVEL 3: SUPORTE MUITO SUBSTANCIAL

Características: pessoas com TEA de nível 3 têm dificuldades severas em comunicar-se verbalmente e não verbalmente. Elas podem mostrar comportamentos repetitivos significativos, restrições nas atividades e interesses, e uma capacidade muito limitada de mudar de foco ou ação.

Necessidade de assistência: esses indivíduos requerem suporte muito substancial, que pode incluir cuidados constantes, supervisão e intervenções intensivas e individualizadas para ajudar no desenvolvimento de habilidades básicas de comunicação, interação social e adaptação a mudanças em rotinas ou ambientes.

Fonte: Wladimir Rodrigues da Fonseca, CRP 01/18.247